

O TEMPO, ESSE PASSANTE

Maria Teresa Saraiva Melloni¹

"Mulher que [...] nos faz esquecer que o tempo passa, porque está sempre presente." "Não há nelas fendas por onde se possa introduzir-lhes o prazer." (Yourcenar, 1981, p. 18)

Ele está passando... devagarinho, passo a passo, sem olhar pra trás, sempre o tempo, tomando, partindo em tomos, atomizando, em gomos, sorvendo, marcando, em traços, uma vida.

Yourcenar confessou que só conseguia recompor o tempo, com um pé na erudição é o outro na magia, disse Eclea Bosi, em *O tempo vivo da memória* (2003)

Tempo sem dono, sem rumo, sempre presente, que se esvai em um átimo, no voo veloz de um pássaro raro chamado futuro, cujas penas escrevem com a tinta negra, o furo de um passado encantador. Canta, canta a dor como o trinado de um fado que chora o amor.

Penas que nos são imputadas, como culpados e pesam, como fardos.

Penas, plumas, pretas, vermelhas, adornam no cabaré, o corpo da mulher.

Escondem dos homens, o rubor e o pudor e lhes dão asas a voar!

Mas pra onde vais? Pra onde vai o tempo, esse passante? Onde embarcou esse passageiro do bonde da vida? Qual a sua morada, seu porto de embarque, seu ponto de basta, de um passado na lembrança?

¹ Psicanalista da Escola Lacaniana de Psicanálise –RJ; autora dos livros: *A Perda d'Ele em Mim – um trabalho de luto e Rio de Janeiro: uma psicanálise possível*; Professora de Fundamentos de Psicanálise do IBMR – Laureate Universities (1978/2013).

Quero seguir com você, não me abandona, não me deixa para trás. Abrace-me, embale-me, embrulhe-me, enrole-me, arrasta-me nem que seja aos trambolhões!

Mas se ele vai, se esvaem no presente, suas marcas, seu gostinho de quero mais ou de trava na garganta. Algumas coisas, pessoas, lembranças, ele leva, mas ele deixa, deixa um legado, uma herança, a memória, a experiência.

Mas não é só isso! Ele deixa principalmente um lugar futuro, o tal furo, uma tela em branco, onde pintamos novas imagens, novas paisagens. Ele deixa a página vazia para uma nova história, *a love hystory*.

Ah... O amor, esse sim, seu grande rival, consumidor contumaz que o devora e esgota! Como Alice no país das maravilhas, o amor corre atrás, volta lá para alcançar a pedra da magia que o estanca!

Mas onde foi que o perdi, o perdão que não pedi? Quando foi que ouvi a primeira badalada? Onde foi dado o primeiro impulso? Onde e quando foi que o tempo nasceu? Criação divina? Castigo por ter Adão comido a maçã oferecida por Eva? Haveria tempo no paraíso ou lá é o lugar da eternidade?

É terna a idade? Para alguns, sim; já para outros...

Se há esse tempo, o tempo do nascimento do tempo, não me é dado dele saber! Não adianta procurar, perguntar, ninguém sabe, ninguém viu. Sabem os mortos, sobre a eternidade? Mas os mortos, como as rosas, não falam. "Simplesmente exalam o perfume que roubam de ti!" (Cartola)

Ah, o amor que canta Cartola. "Devias vir, para ver os meus olhos tristonhos. E, quem sabe, sonhava meus sonhos. Por fim." Voltar atrás, parar o tempo, sonho impossível das ciências, das humanidades, das artes e dos amantes.

"Só se possui eternamente, àqueles de quem nos separamos", disse Yourcenar. Por outro lado, Eco nos adverte sobre a perenidade de uma obra de arte, dizendo: "Eu definiria o efeito poético como a capacidade que um texto oferece de continuar a gerar diferentes leituras, sem nunca se consumir de todo". São

formas poéticas de dizer que para tomar o sentido da vida é preciso fazer o luto da eternidade?

Desde Freud, aprendemos que para se fazer representar, o sujeito deve deixar para trás a sua condição primordial na relação com a Coisa², sua verdadeira origem. Lacan nos ensina que para ascender ao desejo, há que abrir mão do gozo. Que é nos tropeços e desvios da narrativa formal, na perda de sentido, na falta de palavras, que a verdade, o oco do sujeito, o objeto de sua causa, poderá vir à luz. É na impossibilidade de nomear de todo, o desejo da mãe, que o sujeito vai se inserir na castração, na lei fálica, lei do desejo.

No texto *Sobre a transitoriedade* (2006), Freud, referindo-se a uma flor, que por durar apenas uma noite, só aumenta o valor e a beleza, diz: "a limitação da possibilidade de uma fruição, só aumenta o valor dessa fruição."

Então voltemos ao tempo, esse que está passando... Falávamos do tempo presente, esse que escapa, escorre entre os dedos, o agora, no qual estamos todos imersos, sem no entanto, nada sabermos dizer dele. A não ser que a partir dos seus furos, a coordenação da mesa, ou o olhar entediado do auditório se intrometa, barrando com o corte significante do relógio esse gozo do blá, blá, blá, transformando-o em história. Falar do tempo presente exige um distanciamento. O tempo, assim como a experiência, é um espetáculo que se assiste da coxia, ali no umbral da reviravolta moebiana presente-ausente do não-todo.

Entre o passado e o presente, a história, como escrita é uma constante, é a nossa relação com o mundo e o conhecimento possível, é o que podemos extrair da vida vivida.

Numa análise trata-se de levar o analisante a escrever sua história, emendar seu *sinthoma* com o real que paralisa o gozo, tornando-o um gozo possível, construindo dessa maneira um enodamento dos tempos. O *Sinthoma* permite inventar uma nova maneira de tratar o tempo.

² Das Ding

O tempo presente é esse aparecimento evanescente que se faz entre um instante de ver, esse da intuição mesma, tempo em que algo é sempre elidido, se não perdido e esse momento elusivo em que, precisamente, a apreensão do inconsciente não conclui, em que se trata sempre de uma recuperação lograda ou na melhor das hipóteses, uma ficção.

Talvez como Garcia Márquez, acreditemos que seja um triunfo da vida “[...] que a memória dos velhos se perca para as coisas que não são essenciais, mas raras vezes falhe para as que de verdade nos interessam” (2005 p. 14). Ou como Yourcenar, que “[...] a memória dos homens assemelha os viajantes fatigados que se desfazem das bagagens inúteis a cada pausa do caminho” (1983, p. 17). Mas nunca nos desfazemos de tudo, não é?

A busca do tempo perdido das reminiscências das neuroses histéricas, o adiamento e a procrastinação de um encontro sempre futuro das neuroses obsessivas, insistem num retorno do recalçamento sobre o instante de ver, cujo fulgor cegou Tiresias. O saber sobre o sexual que está na origem insiste em uma repetição que desenha sempre um algo a mais.

O que não cessa de não se inscrever do real, origem da experiência, insiste em marcar com o cessa de não se inscrever pulsional, uma atualização do não cessa de se inscrever do nome, para um gozo a mais.

Assim o passado mítico, do trauma original bate incessantemente no presente, aniquilando-o, aprisionando sob o sentido de um gozo do sintoma, ou relançando-o à quimera fascinante de um futuro que desafia a morte. Então, o neurótico padece de um presente encharcado com os restos do passado, podre, carcomido pelo vai e vem das marés e encalhado nos arrecifes da fantasia, impedindo-o de avançar sob o frescor dos ventos, na expedição pelos misteriosos mares do futuro.

Lembro aqui uma passagem do meu trabalho intitulado *Navegar é preciso II* ou *Destinos do amor*, que diz:

“Ao mesmo tempo que o sujeito numa análise se agarra à suposição de saber no analista, se desdobrando entre artifícios do pensamento, para não perder o pouco de si que ele pensa ser, por outro lado, é quando algo o surpreende e o ultrapassa enquanto pensamento, que alguma transmissão é possível”. (Melloni, T. 2013, p. 25)

Eis aqui duas modalidades de tempo que se superpõem: o tempo cronológico, esse que passa, que chamamos de tempo perdido e o tempo oportuno, o que nos ultrapassa, ou tempo lógico para Lacan. O tempo de uma psicanálise é o momento oportuno do desejo, que se não escoar na deriva e no adiamento, lança mão do ato, que do instante, arranca um evento. É o tempo da pulsação, o espaço de uma síncope, atravessa o arranjo melódico que resta de uma referência subjetiva, explodindo no fortíssimo acorde final de um gozo.

Mas se o tempo que tenho é sempre o tempo que perco, ou seja, o tempo presente; o tempo da experiência é sempre um tempo contado, numa conta de chegar; não me resta saída, a não ser contar e passar ao tempo futuro.

Ao introduzir o ato psicanalítico, como o trinado de um apito que empurra o sujeito para o centro do rodado, no qual ele permanecia siderado, sem saída, Lacan indica um outro destino para a clínica psicanalítica, que vai na direção da entrada, da origem, do rompimento com o véu da fantasia. A clínica do Real, onde a saída é a entrada.

Desde então, o fora do tempo, o não dito, não entendido, o não tem nada a ver, o traumático do olho do furacão, estão presentes na clínica, deslocando tanto o do sofá como o da poltrona, revirando tudo o que resta de referência subjetiva, pelo avesso do toro, reduzindo o tempo real em um espaço virtual. Não há apelação ao Outro, sem pele e sem ação, não há como recuperar o que está na origem, sob a forma de um gozo a mais. Pelo contrário, no momento do corte, a angústia em carne viva, faz da falta, a perda. "O que se diga, permanece esquecido atrás do que se diz no que se ouve" (Lacan, 2006, p. 448)

Resta então ao corpo, a superfície do corpo, perfurada pelo movimento pulsional, encarnar a escrita da descontinuidade, da atemporalidade e intermitência espaço temporal silenciosa do objeto, fazendo, pelo momento de concluir, da perda, a causa.

Objeto *a*, desencarnado, desenganado, desprovido de conteúdo, sem nome, sem documento, ponto de passagem, de re-virão, onde o há de vir do futuro,

advertido e divertido, que por um lapso emerge no leito do rio, para logo depois desaparecer no oceano.

Dizem que viver é uma arte, “*mas não se encontra a mulher que a gente tem no coração*” (Araulfo Alves). Por isso o artista retira a matéria – o barro, as tintas, os sons, as formas, as palavras - de seu estado natural, para durante um certo tempo, transformá-la em obra de arte. Depois, passado um tempo, essa matéria se reduz ao pó que era antes, mas não sem deixar marcas do seu percurso. De todas as modificações causadas pelo tempo, nenhuma afeta tanto às artes, como as alterações do olhar daqueles que as admiram. Oscar Wilde revela isto, na obra *O retrato de Dorian Gray*. Mostra que o efeito do tempo se marca inexoravelmente, através de sucessivos traços, acumulam-se enquanto significações e vão desenhando, o quadro que Gray mantém escondido no segredo da prisão.

O tempo é significante, é limite, se refere à morte, à castração, portanto, graças ao despertar do gozo eterno, o corpo submetido ao falo, é levado à condição de corpo falante.

Em outras palavras, é na condição de se submeter à castração, que a falta pode se desgarrar do todo, revertendo-se na presença de uma ausência, como marca distintiva e não como frustração. Já não é um tempo que falta, mas sim um tempo que corre, descortinando um imenso céu azul de um futuro incomensurável!

Cito Yourcenar:

"A vida me fez aquilo que sou, isto é, prisioneiro (se assim se quer) de instintos que não escolhi, mas aos quais me resigno e me entrego. À falta da felicidade, essa aceitação, assim espero, me proporcionará a paz." (1981, p. 123. Alexis ou o tratado do vão combate).

Dizem que o tempo passa, para não dizermos que somos nós, o nosso ser que passa, como todos os seres a nossa volta. Então, como meu tempo já passou, pego uma carona com Roberto Juarroz em *La creación del arte*. Incidência freudiana e me despeço dizendo "no tenemos una language para los finales" (p. 19).

Vá meu amor, corra depressa, voe bem alto, para que quando o tempo te fizer desaparecer por entre as nuvens, fique em meus olhos o clarão do teu rastro.

Vá, seja veloz, esgueira-te entre as árvores, galope para bem longe, batendo as patas sobre a terra, deixando soar mata adentro, o eco do teu passar.

Vá, atravesse o sol do deserto, caminha mesmo sob as tempestades de vento, até que o inebriante odor do teu suor ardente encharque cada grão de areia.

Vá meu menino, mergulhe orgulhoso nos mares revoltos, rasgue com teu braço forte, a espuma das entranhas que, ao longe, irão bordar a musculatura viril de teu dorso.

Vá, atravesse-me cortante, retalhe meu corpo com voracidade, devore-me cuidadosamente e saboreie o meu mais precioso alimento.

Mas vá, parta, antes que desfaleça a imagem que tenho de ti. Vá, para que sejas eterno.

REFERÊNCIAS

BOSI, Eclea. O tempo vivo da memória (2003)

Cartola. As rosas não falam (1973)

_____. Pois é (1955)

ECO, Umberto. Os limites da Interpretação. 2a ed. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2004.

FREUD. Sobre a Transitoriedade. Obras Completas, vol XIV, Rio de Janeiro, Imago Ed. 2006.

_____. Além do princípio do prazer. Obras completas, vol. VIII, Rio de Janeiro, Imago Ed. 2006.

UARROZ, Roberto. La creación del arte. Incidência freudiana. Buenos Aires, Ed. Nueva Vision, 1991.

LACAN, J. O Seminário, Livro XX, Mais... ainda. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1982.

_____, Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Escritos. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1998.

_____, O Seminário, livro X, A Angustia. Rio de Janeiro, Ed. Zahar,

_____, O aturdido, Outros Escritos, Rio de Janeiro, Ed Zahar, 2006.

_____, O Seminário, livro XV, O Ato psicanalítico. Edição Escola de estudos psicanalíticos de Recife – PE (circulação interna)

MARQUES, Garcia. Memórias de minhas putas tristes. São Paulo, Ed. Record, 2005.

MELLONI, Teresa. Os destinos do amor ou Navegar é preciso II. Rio de Janeiro, Revista Bergassen 19, vol 5, 2013.

WILDE, Oscar. O retrato de Dorian Gray, Januario Leite – trad. Irmãs Pongetti, Rio de Janeiro: 1955.

YOURCENAR, Marguerite. Alexis ou o tratado do vão combate. Rio de Jnaeiro, Ed. Nova Fronteira, 1981.

_____. O tempo esse grande escultor. Rio de Jnaeiro, Ed. Nova Fronteira, 1983.

Recebido em: 12-10-2016

Aprovado em: 20-11-2016

© 2016 Psicanálise & Barroem revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>